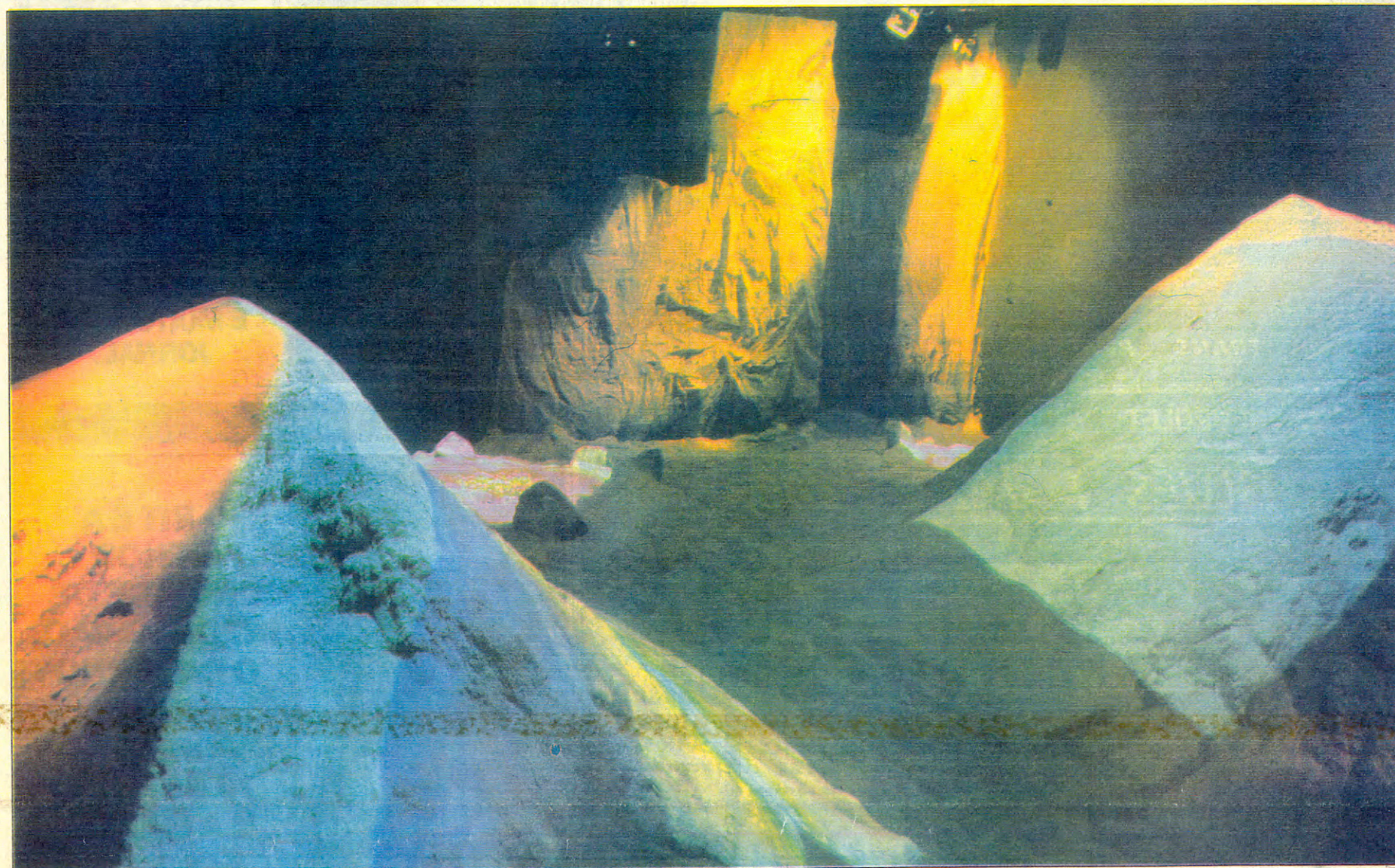


MULTIMÍDIA

Eder Santos ultrapassa os limites do monitor



A videoinstalação 'The Desert in My Mind', feita em 1994 para o Videobrasil, com elementos naturais: "Sempre trabalho com terra, minérios e elementos de diferentes texturas", afirma Eder Santos

O artista mineiro, que vai participar da 23ª Bienal Internacional de São Paulo, estende sua interação com o vídeo para outras áreas e faz instalações e performances

GABRIEL BASTOS JUNIOR

O videoartista mineiro Eder Santos promete uma grande videoinstalação para sua participação como um dos dez artistas brasileiros convidados para integrar a exposição *Universalis*, uma das principais mostras da 23ª Bienal Internacional de São Paulo, em outubro. Está dividido entre duas possibilidades: *Strike* e *A Montanha e o Lago*.

Santos é um dos principais realizadores brasileiros na fronteira entre o vídeo e as artes plásticas e se interessa cada vez mais pela confusão que seus trabalhos despertam. Faz parte da geração Videobrasil, tendo participado de diversas edições do festival, ganhando prêmio de melhor vídeo em 1994 com *Janaíba*.

Mas, como para vários videoartistas, os limites do monitor incomodam Santos e ele estende sua interação com o vídeo para outras áreas, como as instalações e as performances. No ano passado, por exemplo, participou da mostra *Arte Cidadã*, em que vários artistas interferiram no cenário do Centro de São Paulo, com a instalação *O Trem de Terra*. Paralelamente, vem se dedicando à interferência musical em performances com dois parceiros básicos: o brasileiro Paulo Santos, integrante do grupo musical Uakti, e o pianista americano Stephen Vitiello, que traz uma performance de Nam June Paik para o Videobrasil deste ano (Santos deve ajudar na edição de imagens ao vivo).

Os trabalhos de Santos vêm sendo bem recebidos no Exterior. Três de seus filmes já entraram para o acervo do MoMA, em Nova York. Ele tem trabalhos em museus na França, na Itália e em Tóquio. Sua obra é distribuída pela Electronic Arts Intermix, a mesma que detém os direitos de grandes nomes como Paik e Bill Viola. Também já

expôs em vários países da Europa e participou, recentemente, dos festivais de Cuba e Berlim com *Enredando as Pessoas*.

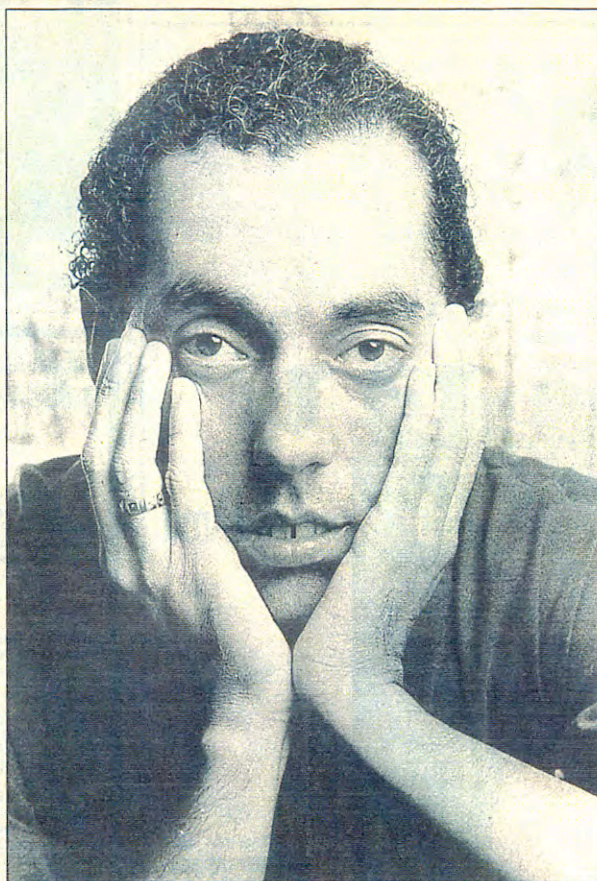
Os dois projetos possíveis para a bienal seguem a linha já apresentada em *The Desert in My Mind*, feita em 1994 para o Videobrasil, e *O Trem de Terra*. Seguem o princípio da projeção de imagens em superfícies de boa textura, usando elementos naturais. "Sempre trabalho com terra, minérios e elementos de diferentes texturas."

A Montanha e o Lago é baseada no I Ching e pressupõe interação com o espectador. As imagens projetadas na terra ou na água dependem do resultado obtido por um programa de sequência aleatória, que simularia o ato de jogar o I Ching. Mas, em lugar do texto explicativo, haveria um conjunto de imagens relacionadas com os desenhos do baralho.

Santos vai exibir *A Montanha* pela primeira vez na Holanda, quando participa do World Wide Video Center, um dos mais importantes festivais da Europa, numa exposição com mais 11 instalações. Terá um ambiente de 80 metros quadrados para montar seu trabalho. Não sabe ainda como vai resolver a questão da terra — como transportá-la do Brasil ou conseguí-la lá

— e está pensando em fazer uma montanha de lã de carneiro. "Não tem o elemento terra, mas é uma superfície interessante." O mais importante é que não se trata de uma mostra de brasileiros. "No início, meus trabalhos tinham mais características nacionais", lembra. "Com o tempo foram se tornando mais universais e os alemães, por exemplo, deixaram de gostar deles."

Ele considera o projeto de *Strike* mais simples, embora já tenha tentado realizá-lo sem sucesso em Belo Horizonte. É dividido em duas partes. A primeira é a projeção de um filme em



O artista: "A universalidade está relacionada com meu trabalho"

super-8 com imagens da greve dos pedreiros em 1977 — fato marcante na história recente de Minas — em um enorme bloco de cimento, que representa um meteoro caído do espaço. A segunda é uma casa demolida em cuja parede é exibido *Mentiras e Humilhações*, vídeo produzido pelo próprio Santos em 1989. "Gostaria de montar *A Montanha*, mas já havia conversado sobre *Strike* e o Nelson (Aguilar, curador para o Brasil) demonstrou interesse."

Santos acredita que sua participação na bienal trará alguma polêmica, já que os artistas plásticos o vêm como videomaker, os videomakers o acusam de ter traído o meio e os cineastas não o consideram nada. "Mas o tema da universalidade é diretamente relacionado com meu trabalho", diz. Para ele,

o mais interessante é a bienal abrir espaço para a produção de videoarte brasileira. "É importante tirar a videoarte do limite do festival e levar para o espaço da galeria."

Essa é a idéia também da individual que ele fará na Galeria São Paulo, na mesma época da bienal. "Seria uma forma de montar as duas instalações simultaneamente", diz Santos. Ele garante que ainda não tomou a decisão definitiva, mas cogita a possibilidade de fazer *A Montanha* na galeria e *Strike*, inédita, na bienal. Enquanto isso, volta aos EUA no dia 3 de abril, para exibir *Enredando Pessoas* e fazer uma nova performance com Vitiello. Depois vai à França, onde produz durante um mês um vídeo sobre o país a partir do olhar de um estrangeiro. "Se eu conseguir coordenar tudo, será ótimo."

Filme do artista foi premiado em Havana

'Enredando as Pessoas' foi vitorioso na categoria de montagem em festival cubano

Eder Santos se diverte sendo um artista indefinível, brincando com os limites entre o formato do vídeo e das artes plásticas. Sua participação na bienal, anunciada pouco depois do lançamento, no Festival de Brasília, do filme *Enredando as Pessoas*, é quase irônica. "Isso vem de encontro à coisa confusa do meu trabalho", diz.

Enredando é uma experiência na fronteira entre o vídeo e o cinema. Foi filmado em Super 16, depois transferido para vídeo. "Querida editar em vídeo para trabalhar a imagem eletronicamente", explica. Para a exibição, foi ampliado para 35 milímetros, o normal de cinema. "Nem deixo ninguém assistir a esse filme em vídeo", diz Santos. "O efeito é completamente diferente."

O filme não foi bem-recebido em Brasília. "Disseram que foi vaiado, mas eu estava lá e achei que a reação foi meio confusa", diz o artista. O fato é que ele ganhou prêmio de melhor montagem no Festival de Havana, em Cuba, e ninguém parece ter dado bola para isso. "Ele é um filme meio renegado."

Embora não esconda uma ponta de rancor por ter se tornado uma ovelha sem rebanho, Santos gosta de andar na fronteira. Tem sido assim desde o começo de seu trabalho, quando trocou a formação tradicional de artes plásticas pelo vídeo, há dez anos. Também não conseguiu

limitar seu trabalho ao chamado "single channel", ou seja, a produção tradicional de vídeos, para a exibição em monitores.

Santos começou a trabalhar com vídeo, não por coincidência, quando não agüentou o peso do curso de belas-artes e o trocou por um de programação visual, mais aberto à tecnologia e aos novos meios. Seus primeiros trabalhos em vídeo foram, não por acaso, documentários sobre artistas plásticos. Pouco depois fundou a Em Vídeo. "Uma das coisas que me incomodavam era que artistas plásticos sempre trabalhavam sozinhos", comenta.

"Quando você trabalha com vídeo tem de partir do princípio que é um trabalho de equipe."

Santos cita uma série de produtores — Olhar Eletrônico, TV Tudo, AnTV — que foram fundadas naquela época com os mesmos objetivos, mas que se dispersaram com o tempo. Deixa

claro que seu reconhecimento não é apenas uma questão de talento, mas também de organização e esforço coletivo, principalmente para adequar os trabalhos formais (peças publicitárias, vinhetas de TV, vídeos institucionais ou seja lá o que for) com as experiências artísticas.

Mas as duas atividades não podem ser dissociadas já que a experiência com publicidade deu a Santos, no mínimo, agilidade. Um dos pontos básicos de suas performances é a possibilidade de cortar ao vivo as imagens que estão sendo captadas e projetadas de diferentes fontes. "Em uma das performances reúno 5 projetores de Super 8, 3 de vídeo, 2 câmeras ao vivo, 1 bailarina e 12 músicos." (G.B.J.)

**ELE FUNDOU
PRODUTORA E
GANHOU
EXPERIÊNCIA
COM
TRABALHOS DE
PUBLICIDADE**

XXIII BIENAL



**OBAS
INCLUEM
PROJEÇÃO DE
IMAGENS**